

# O Povo de Aveiro

Supplemento litterario

Director: Homem Christo

Redactor litterario: Homem Christo, Filho

Numero 6 — Anno I

ASSIGNATURA ANNUAL ..... 300 REIS  
AVULSO ..... 10 "

Aveiro, 18 de setembro de 1910

Distribuido gratuitamente aos assignantes do POVO DE AVEIRO

## Summario

I — Alcoolismo. II — O Passado, o Presente e o Futuro de Portugal  
III — Tuberculose. IV — Problemas

# ALCOOLISMO

VI

Depois do nosso ultimo artigo recebemos uma offerta muito valiosa. O sr. Alberto da Costa Ramalho Fontes, do Porto, não pelo valor dos nossos artigos, que não é nenhum, mas por sympathia pela nobre causa que defendemos, enviou-nos, com uma carta muito amavel, a sua dissertação inaugural apresentada á Escola Medico-Cirurgica do Porto em 1908: *O Alcoolismo. Seu papel em Nosologia e em Sociologia*.

Aqui repetimos o que dissemos ao auctor na carta com que lhe agradecemos a offerta: raras vezes temos lido uma obra com tanto prazer.

E' que é um trabalho excellente, distinguindo-se da vulgaridade chata de tanta obra portugueza. Excelente pelo methodo, pela observação, pela coordenação, pelo commentario, pelas informações preciosas sobre os progressos do alcoolismo em Portugal e suas relações com o vicio, a loucura e a criminalidade portugueza, e sobretudo encantador, para nós, por ter sido escripto *com alma*, o que é rarissimo nos homens d'esta terra infeliz, a alma d'um crente, d'um humanitario, d'um patriota. Independente do muito estudo, muito trabalho e muita intelligencia que a dissertação revela, esta é a nota capital do prazer que nos deu, da alegria que nos trouxe.

As felicitações que já dirigimos ao sr. Ramalho Fontes, aqui lh'as repetimos, em publico, novamente. Aqui lhe reiteramos a mais sincera, como é proprio do nosso feitio, aliás tão avesso a elogios, a nossa mais sincera homenagem.

Sabe-se a nossa velha opinião sobre as questões sociaes e as questões politicas. São questões muito delicadas, muito complexas, muito difficeis, que se não resolvem com a simplicidade extrema das formulas como tantos pretendem. Felizes de nós, se a estabilidade, a paz, a ventura do lar dependessem, por exemplo, do divorcio, ou do amor livre, como *erradamente affirmam* os partidarios da reforma do casamento. Felizes de nós se a republica, o socialismo collectivista, ou a anarchia, viessem fazer a felicidade humana, como sustentam decididamente os partidarios da revolução social e da revolução politica. Como resolve o amor livre ou o divorcio um caso de hysteria, ou qualquer outra das muitas degenerescencias que tornam uma mulher ou um homem insusceptivel da vida em commum e de todos os deveres, encargos e responsabilidades de familia?

Se as degenerescencias se multiplicarem pela fórma assustadora que se está vendo em todo o mundo, póde a anarchia, que repousa no mais absoluto respeito pelos direitos dos outros, ser um facto definitivo?

Com o amor livre ou o divorcio haverá, simplesmente, mais facilidade em quebrar ou em reatar relações, o que tanto pode ser um grande bem como um grande mal. Dadas as condições de desorganização, de desequilibrio, de ignorancia, de immoralidade da sociedade portugueza, por dez vezes que será um bem, será noventa vezes um grande mal. Mas, enfim, essa facilidade existe. Pretender, porem, que d'elles surja a paz do lar, o entendimento e pleno accordo entre os conjuges, ou que na formula do casamento indissolúvel está o mal exclusivo da familia é uma candidez ou uma ignorancia que nem se discutem.

Ha formulas, convenções, leis, systemas melhores e peores. Incontestavelmente. Mas resultarão todos inefficazes se os applicarem independente do estado physico e moral dos individuos. O peor systema e a peor lei, com individuos são de corpo e de espirito, dão um resultado positivo mais serio e effizaz que a melhor lei e o melhor systema com o residuo physico e moral da humanidade.

A physiologia é, pois, a base de toda a moral e de toda a sociologia. Melhorar o estado physico do homem, *dar-lhe saude*, eis o primeiro e principal objectivo de todo o sociologo digno d'esse nome e de todo o verdadeiro philanthropo. *Mens sana in corpore sano*, verdade velha sempre nova. E sobre o espirito são em corpo são incidirá depois a cultura intellectual e moral que eleva o homem acima dos outros animaes. Sem isso não passaremos do eterno circulo vicioso das convenções e das formulas. Da ingenua aspiração dos talismans. Sem isso o homem continuará sendo ludibrio do vicio, do crime e da loucura. Diz-se que o genio é visinho da loucura. Não sei. Mas o que sei, porque sobre isso a minha razão não tem duvidas nenhuma, é que, por via de regra, quem dirige a humanidade é o vicio, é o crime, é a loucura, arvorados em lucidez e em virtude. O vicio despejado, o crime audacioso, a loucura brava impondem-se á razão, que é calma e pacifica, quasi timida, e á virtude, que, como a violeta, gosta de se retrahir, de se isolar, de se esconder. Grande parte dos dirigentes da humanidade, jornalistas, publicistas, politicos, tribunos, oradores, estadistas, são verdadeiros degenerados, authenticos criminosos natos. São cynicos e tratantes averiguados, escrocs, cavalheiros d'industria, que qualquer cidadão correria a pontapé sem os europeis, sem as vestes douradas, a guizalhada estonteante das idéas. Sem o rotulo sagrado dos partidos. São manifestos desequilibrados, allucinados, tarados de toda a casta marcados com o sello ignominioso de hereditariadades

morbidas de varias ordens e origens. Em Portugal, e, mais ou menos, em toda a parte, mas em Portugal sobretudo, os politicos, os *reformadores*, portanto os dirigentes da sociedade, são *isso*. Ou criminosos, ou viciosos, ou simples desequilibrados, isto é semi-loucos.

Abençoados, pois, aquellos que, como o sr. Ramalho Fontes, deixam as formulas vans da insensatez ou as criminosas hypocrias do crime, para irem estudar o mal á sua origem. Intitului o sr. Fontes o seu livro *O Alcoolismo, seu papel em Nosologia e em Sociologia*. Ora qual é o papel do alcoolismo na *Nosologia*? O que viu, o que nos diz a esse respeito o sr. Fontes? Viu que todos os alcooes em geral, e o alcool ethylico em especial, em especial por ser aquelle que a nós, portuguezes, mais nos interessa, e porque, segundo o sr. Ramalho Fontes, é o *principal agente da intoxicação*, são de uma toxicidade absoluta. Por conseguinte nefastos, profundamente nefastos ao nosso organismo. Assim o alcool ethylico, sendo um deshydratante energico, apodera-se da agua com notavel desenvolvimento de calor, uma vez posto em contacto com os tecidos vivos.

Só por isso, se vê quaes as perturbações que possa causar á materia viva, roubando-lhe a agua na qual se acham dissolvidas as substancias, que são necessarias para o metabolismo celular.

Tem sobre o protoplasma uma acção analogá á dos anestheticsos geraes, paralyndo a irritabilidade, a contractilidade, a sensibilidade e a actividade dos fermentos. Sob a sua acção cessam os movimentos amiboides.

Devido á sua grande diffusibilidade, a sua acção generalisa-se, reforçando esta nossa affirmativa, a diurese rapida e abundante, que se produz passados poucos momentos depois da introdução do alcool no nosso organismo.

Um outro facto que vem corroborar mais a nossa asserção, é a sensação de calor nas mucosas e o aquecimento dos tegumentos acompanhado de rubor, sobretudo no rosto.

Essa rubefacção da pelle, bem como o augmento da irradiação thermica, é explicada de varios modos pelos physiologistas. Uns sustentam haver uma excitação vaso-dilatadora peripherica, outros uma vaso-dilatação, sim, mas precedente d'uma paralyndia dos constrictores.

Sabemos que o alcool é facilmente comburido e portanto muito ávido d'oxigeneo. Introduzido no nosso organismo e em face da hemoglobina do sangue, tão generosa em ceder o oxygeneo, bem decerto se comburirá, roubando assim aos elementos rubros do sangue o seu principal constituinte que lhe é dado pela hematose. E' claro que, sem esse elemento, os globulos rubros necessariamente serão perturbados na sua função e as suas alterações se repercutirão em todos os departamentos da economia, originando modificações importantes na nutrição geral, desviando do equilibrio normal as funções tropicas habituaes, que são substituidas por uma *bradytrophia* traduzida por phenomenos multiplos, como: a brusca diurese, que se estabelece, subtrahindo a agua indispensavel á boa dinamica bio-cellular; a diminuição da quantidade d'urina excretada, que Rabuteau viu reduzir-se a 75 o/o da percentagem normal; uma menor excreção de uratos, de sulfatos e de phosphatos urinaes; a frouxa actividade das combustões respiratorias; o abaxamento da temperatura central; uma adipose mais ou menos generalizada, etc.

E' sem duvida o systema nervoso o mais especialmente atacado, sendo o cerebro, com effeito, o orgão onde se accumulá de preferencia, tendo sido encontrado em notavel quantidade dentro dos ventriculos cerebraes (Lallemand).

Quer o alcool seja introduzido no organismo pela via gastro-intestinal, quer pela via pulmonar, os aparelhos digestivo, circulatorio, respiratorio, urinario e nervoso são affectados de uma maneira notavel. Assim, em pequena quantidade e n'um grau médio de diluição aquosa, o alcool produz uma sensação de calor na bocca e na pharynge, sensação agradável, que se prolonga até ao estomago.

E' explicavel esta sensação de calor experimentada, de qualquer das tres maneiras seguintes: ou por uma excitação das terminações nervosas sensitivas, ou por uma hyperhemia reflexa, ou ainda recorrendo á propriedade que tanto caracteriza o alcool, que é a de produzir uma subtracção d'agua ao organismo, agua que póde ser a da constituição dos elementos da mucosa e que traz consigo um desenvolvimento notavel de calor.

A secreção salibar é augmentada. Outro tanto succede com a secreção do succo gastrico, facto absolutamente demonstrado desde as observações de Nothnagel e Rossbach, feitas em caes com fistulas estomacaeas, em que a deposição de algumas gottas d'alcool diluido sobre a lingua era sufficiente para determinar a expulsão de um jacto de succo gastrico através da fistula, com augmento das contrações musculares do estomago e exaggero de acidez do succo gastrico.

A acção sobre a mucosa intestinal é menos conhecida, tendo-se notado phenomenos contradictorios e de difficil interpretação, porquanto, a par de individuos em que a tolerancia intestinal para o alcool é nulla, pois que a absorção d'esta substancia é promptamente seguida pelo *pparrecimento* de diarrhéa e lienteria, encontram-se outros nos quaes o alcool suspende estes phenomenos morbidos.

O acto digestivo parece ser favoravelmente influenciado pela ingestão do alcool diluido até um maximo de 10 por cento, segundo póde concluir-se das experiencias de Gluzinski, sobre a digestão artificial da clara de ovo coagulada, e das affirmações de Chittenden, de Wolfhard e de outros.

Que interpretação devemos nós dar aos resultados d'estas experiencias? Será este augmento de secreção do succo gastrico favoravel ao organismo?

A' primeira vista poderá parece-lo; mas é de crer que tal hypersecreção represente uma *defeza* da viscera contra o agente irritante e que o alcool póde, em acto continuo, causar perturbações nas glandulas pepsinigenaeas e varias perturbações nos vasos da mucosa gastrica, alterações estas de caracter passageiro, mas que facilmente podem tornar-se permanentes.

Com doses fortes ou com alcooes muito concentrados, observa-se uma sensação de queimôr no epigastro, a peptonisação é retardada, os succos do estomago transformam uma parte do alcool em acido acetico, sobreveem effeitos de intolerancia (vomitos), as secreções suspendem-se, a digestão faz-se mal, estabelece-se a diarrhéa, o figado resente-se, originando-se a ictericia e a diarrhéa biliosa. E' constituída a gastro-enterite alcoolica.

Prolongando o uso do alcool, obtém-se um catarro chronico das vias digestivas, que se manifesta pela anorexia, dyspepsia, vomitos mucosos quotidianos (pituitas), periodos de constipação alternando com outros de diarrhéa, etc.

O sr. Ramalho Fontes encerra essa parte, a primeira, do seu livro, com as seguintes conclusões:

- 1.a O alcool é toxico, mesmo em pequenas doses.
- 2.a E' um estimulante do systema nervoso, muito momentaneo, sendo immediatamente a sua acção excitante, seguida d'um periodo depressivo, muitissimo mais intenso.
- 3.a A nutrição, longe de ser accelerada, é retardada, com grave prejuizo para os elementos cellulares dos orgãos.
- 4.a A acção anti-thermica, que muitos lhe attribuem e que não é mais do que uma manifestação da sua acção toxica, faz-nos desviar do seu emprego, como agente antipyretico.
- 5.a Os phenomenos de diurese, observados com o uso do alcool, representam, a nosso ver e bem nitidamente, quanto a sua acção é prejudicial ao nosso organismo, roubando-lhe a agua de que tanto carece para a sua sustentação.
- 6.a e ultima. Sob o ponto de vista hygienico, banimos o alcool, como tendo desvantagens para a nossa saude.

Na segunda parte faz o resumo das principaes bebidas alcoolicas distilladas e fermentadas, estuda a sua acção physiologica e toxica e conclue por proscrever, *d'uma maneira absoluta*, o uso de todas as bebidas alcoolicas dis-

tilladas, consentindo o uso do vinho quando pouco alcoolizado e esse mesmo só ás refeições e em uso moderado. Sem que isto queira dizer, evidentemente, que o melhor, o melhor de tudo, é não beber nem aguardente, nem licor, nem cerveja, nem vinho nenhum. Agua, e essa mesma pura e de boa qualidade.

A terceira parte do livro é muito interessante e n'ella estuda largamente o sr. Ramalho Fontes o alcoolismo nas suas manifestações clinicas e anatomopatologicas, a sua relação com as doenças nervosas e com a tuberculose.

O primeiro capitulo trata, especialmente, das formas clinicas nervosas.

Esta designação é conhecida desde 1852. Foi creada por Magnus Huss, para significar um conjunto de perturbações morbidas, causadas no organismo pelo uso, um tanto exaggerado, das bebidas distilladas. Mais tarde, tornou-se extensiva a todas as bebidas alcoolicas, quer distilladas, quer fermentadas, pois todas contem alcool ethylico, que é, como vimos, o principal agente da intoxicação.

As manifestações da acção do alcool sobre a economia são multiplas, como multiplas são as maneiras de reagir do nosso organismo e as differenças de individuo para individuo. Multiplas, são tambem as especies de alcooes, como as circumstancias particulares, que se apresentam em cada caso: temperatura, alimentação, alegria, tristeza, etc.

O alcoolismo é, pois, d'um polymorphismo muito accentuado. Quer elle seja devido ao vinho, aos alcooes, ao rum e ao absintho, consideramol-o etiologicamente como sendo o mesmo, differindo apenas na intensidade das suas manifestações.

O alcool, introduzido sob qualquer forma no nosso organismo, determina, segundo a dose ministrada é grande, mas por uma só vez, ou pequena, mas repetidas vezes, dois estados morbidos, distinctos um do outro, pela natureza e pela intensidade dos seus symptomas.

Impõe-se, portanto, uma divisão d'este capitulo em dois grupos: um, abrangendo os phenomenos agudos do alcoolismo, mais vulgarmente conhecidos sob o nome de *embriaguez*, pondo de parte as loucuras agudas, que consideramos phenomenos agudos d'uma intoxicação chronica; outro, no qual comprehendemos as diversas manifestações do alcoolismo chronico.

Veremos, que não ha orgão algum, que escape á acção do alcool, infiltrando-se através dos tecidos, attinge o proprio protoplasma, e, baseados n'isso, desde já affirmamos que o alcool, estabelecendo, n'este, modificações nutritivas varias, ás quaes não se subtrahe o ovulo e o espermatozóide, que, assim influenciados, dão origem a novos seres, caracterizados pelo mesmo vicio de nutrição.

A influencia nefasta que o alcool produz na descendencia, fecha, assim, o cyclo morbido das manifestações alcoolicas.

Em virtude da sua alta importancia, sob o ponto de vista da hereditariedade, consagramos-lhe-hemos uma parte especial.

Dividido o capitulo nos dois grupos, no primeiro estuda o sr. Ramalho Fontes o *alcoolismo agudo* ou *embriaguez*, fazendo ainda ahí uma differença.

Nem sempre o organismo, que não está alcoolizado, reage da mesma forma em face do alcool. Quando o organismo é normal, podemos chamar a sua reacção — *embriaguez ordinaria, normal ou physiologica*. Quando o organismo é pathologico, chamaremos á sua reacção — *embriaguez pathologica*. O organismo pôde ser doente e a embriaguez ser physiologica.

Para se dar o nome, á embriaguez, de pathologica, é necessario que as manifestações alcoolicas tenham um cunho especial, proveniente do estado morbido d'esse organismo e que, portanto, faz com que se individualisem.

Não é, como muitos supõem, a variedade da bebida alcoolica, que dá a característica á embriaguez; mas, sim, o fundo morbido sobre que ella assenta.

Temos, pois, a descrever duas especies de embriaguez — *normal e pathologica*.

Entrando na embriaguez normal, acompanhada d'um bello quadro synoptico das doenças dos bebedores, diz-nos:

**Embriaguez normal.** — Esta é bem conhecida de todos, havendo a considerar n'ella tres periodos, que não se succedem regularmente em todos os casos, nem cada um d'elles offerece sempre uma symptomatologia completa. São, em geral, pequenas as doses, que produzem o augmento de vitalidade, que constitue o primeiro periodo.

Este ephemero estimulo, que tão procurado pelos poetas e artistas tem sido, acha-se gravado, nas paginas da historia da arte, por numerosas obras-primas, que não compensam os estragos de que tem sido causa. Com dose um pouco maior, decorrido muito rapidamente o primeiro periodo, entra-se no segundo, que é mais longo e mais rico em manifestações e sensações. Tudo corre ás mil maravilhas: o individuo sente o corpo leve, os movimentos mais facéis; sente-se feliz.

As idéias são a flux; os orgãos dos sentidos apuram-se; o individuo torna-se expansivo, sincero e generoso, muito emocionante, loquaz e de gesto facil. Já se manifesta uma certa incoherencia nas suas idéias e, muitas vezes, confidencias inconvenientes são reveladas, bem como o seu caracter e as suas tendencias.

Bem diziam os antigos: *In vino veritas*.

A face mostra-se congestionada, as arterias temporaes batem fortemente e visivelmente, o olhar anima-se, a respiração accelera-se. A memoria, umas vezes excitada, é, muitas outras, diminuida ou pelo menos infiel.

Casos ha que, em lugar da exaltação moral, se nota a depressão: o individuo é triste, melancolico e apathico; os orgãos dos sentidos acham-se enfraquecidos, notando a intolerancia retiniana para a luz, mais uma expressão de fraqueza do que de agudeza. A attenção e a percepção são diminuidas.

O homem, n'este estado, é ainda um tanto consciente; mas, em breve, sobrevem o terceiro e ultimo periodo, caracterizado por um obscurecimento da intelligencia; pela accelerada successão de idéias que se torna difficil apprehender; pelo apparecimento do vertigem, que mais frequente se vae tornando; pela confusão da percepção; pela irritação; pelo delirio; finalmente, por um desarranjo moral e intellectual, que é bem traduzido no rosto do individuo pelos seguintes caracteres: olhar immovel, espantado, face corada, nariz vermelho, veias do pescoço dilatadas, pupilas em myosis, vomitos, suores, tremulos, prisão da lingua, a cabeça pendida sobre o peito e anesthesia das extremidades.

Em ultimo lugar vem o côma, onde todas as funções da vida de relação são abolidas e as da vida vegetativa enormemente comprometidas. A sensibilidade é extinta, podendo terminar pela morte.

Quando a dose é massica ou, quando a sensibilidade do *sujeito* ao alcool, é grande, manifestam-se os phenomenos do segundo periodo, sem apparecerem os do primeiro. Em resumo, são tres os periodos da embriaguez aguda normal: excitação, perversão e por ultimo o côma.

Passa, depois, á embriaguez pathologica:

**Embriaguez pathologica.** — Para que haja embriaguez pathologica é necessario, que o organismo do individuo embriagado seja pathologico. E' nos nevropathas, principalmente, que ella se manifesta.

Varios typos foram descriptos, não sendo d'accordo, no seu numero, os auctores. Uns, como Vibert, estabelecem quatro formas; outros, como Lenz e Krafft-Ebing, descrevem somente duas, manifestando este ultimo tendencia a não fazer distincção.

Lenz, define a embriaguez pathologica "uma exaltação mental, acompanhada d'uma excitação motriz, observada nos nevropathas, debaixo da influencia do alcool." São duas as formas descriptas por este auctor: a *convulsiva* e a *maníaca*.

A *convulsiva*, analogá á embriaguez normal pela ausencia de conhecimento, tem um inicio brusco. Algumas vezes, é precedida de prodromos, consistindo em irritabilidade, alguns symptomas depressivos, angustia precordial e cephalalgia. Attinge rapidamente o fastidio d'intensidade; os movimentos são notavelmente desordenados, sem um fim, como nos grandes ataques d'hysteria. O doente lança-se por terra, entrega-se a contorsões bizarras, saltando d'um lado para o outro, chocando-se contra o pavimento, ensaiando morder tudo o que d'elle se aproxima. Os movimentos são energicos, mas toda a motilidade morbida, que exhibem, fica sem adaptação a um fim; não tem tendencia a traduzir-se em actos; em conclusão: o caracter do movimento é convulsivo e não intencional.

A perda de conhecimento é quasi absoluta; o doente pareceria mergulhado no côma, se não fossem as convulsões; não ha delirio; gritos roucos fazem-se ouvir, de quando em quando. A face mostra-se congestionada.

A sua duração é variavel desde uma hora até doze, sendo o seu fim brusco, como o seu inicio.

Umaz vezes é uma especie de exgotamento e fadiga, que fecha o cortejo symptomatico; outras, um somno profundo põe termo á crise.

O doente, quando desperta, de nada se recorda. Ha, quasi sempre, perda de memoria absoluta. Passamos á outra forma de embriaguez pathologica, a *maníaca*, que, como a precedente, se inicia bruscamente, sobrevivendo á ingestão d'uma dose insignificante d'alcool, ou em individuos dados a excessos alcoolicos.

Tem prodromos: rubor da face, cephalalgia, batidoiros de cabeça, mal-estar geral, ansiedade, etc. Nota-se um pouco de concentração mental, irritabilidade e inquietação, como desordens do systema psychico.

Ha movimentos exuberantes, incoherentes, mas violentos, cheios de furor. Observam-se impulsões de destruição.

O doente lança-se sobre as pessoas e sobre os objectos, completamente desorientado, cheio de colera.

Nota-se perturbação da palavra, que se mostra desordenada, entrecortada de gritos, ameaças, vociferações e juramentos.

Todas as faculdades mentaes são bastante comprometidas. No principio, o doente ainda tem noção do que o cerca, sobrevivendo-lhe em breve um periodo de inconsciencia absoluta, em que a intelligencia é completamente abolida.

Ha um delirio automatico. A hyperemia dos centros nervosos é, n'este caso, manifesta, pelo congestionamento da face, olhos injectados, olhar febricitante, salivação abundante, espuma na bocca, etc.

Completa a symptomatologia um somno profundo, que dura dose a vinte e quatro horas e do qual o doente se levanta esplendidamente bem disposto e sem a mais leve recordação do passado.

Algumas vezes o somno é substituído pelo côma, que tem por epilogo a morte. E' este estado morbido descripto, que Vibert classifica de forma excito-motora, e Krafft-Ebing, mania ebriosa.

Ha casos, diz Vibert, em que o individuo, longe de se tornar expansivo, torna-se sombrio, taciturno, indo ás ultimas por uma futilidade que no dia seguinte acha absurda. Esta forma, hoje uma das mais frequentes, é considerada por alguns auctores, como sendo causada pelos alcooes sophisticatedos.

Relataremos alguns casos, citados por Krafft-Ebing e Baillarger, d'esta doença. O primeiro narra, que um individuo, antigo alcoolico, em seguida a uma febre typhoide, é attingido de uma

intolerancia notavel para as bebidas. Um dia embriaga-se; e, exigindo a outro individuo dinheiro emprestado, que este lhe nega, toma o projecto de se enforcar, o que de facto faz; mas, soccorrido a tempo, volta á vida, ficando comtudo exgotado, mas calmo. Tres dias depois, fica surpreendido com a narração que lhe fazem do acontecimento, do qual conservava completa amnesia.

Baillarger cita o seguinte caso: Um soldado, epileptico, por hereditariedade, embriaga-se e entra em alteração com um cabo, que tambem se achava dominado pelo alcool. E' reprehendido e castigado. Deita-se aparentemente calmo, mas não pode conciliar o somno.

A's 4-horas da manhã, toma a espingarda e projecta assassinar um official que não conhecia. Interrogado, respondeu friamente, que desejava commetter um assassinato, para ser fuzilado e commandar elle mesmo o fogo.

Estes dois casos são fillados, como vemos, na embriaguez pathologica aggressiva e violenta. A embriaguez pathologica é, repetimos, a expressão d'um fundo morbido revelado pelo alcool.

Este fundo morbido é congenito ou adquirido nas primeiras edades da vida, em seguida a varias doenças cerebraes. Se rebuscarmos na historia ancestral a causa, achamos varias formas de alienação: a epileptica, a hysterica, o alcoolismo, etc.

Entramos agora na descripção do alcoolismo chronico, das duas formas, a mais grave pelas inumeras alterações anatomicas e funcionaes, que o caracterisam.

No segundo grupo, *alcoolismo chronico*, ha tres fórmas fundamentaes. Vejamos:

1.a **Fórma de degenerescencia moral.** — O alcoolico é d'uma indifferença absoluta pelos principios de honra, patriotismo, justiça, amor de familia, dignidade, opinião publica, etc. Entrega-se ás praticas mais obscenas e degradantes. E' descuidado da sua pessoa e dos outros; só pensa em beber e em saciar os seus instinctos bestiaes.

Torna-se incommodo pelas suas grosserias, pelas suas impertinencias e pela sua pessoa nojenta. Não é acessível aos prazeres do amor filial ou paternal; não sente, nem comprehende o valor esthetico das coisas.

E' um animal algo intelligente, mas incapaz de se elevar ás espheras do sentimento, que faz os benemeritos, os uteis e os heroes. Tem paixões abjectas, a que muitas vezes associa idéas mais puras; desce á sodomia, á depravação mais requintada, á bestialidade. E tudo isto lhe parece muito natural.

O seu embrutecimento é progressivo. Possui ainda a idéa de moralidade, mas não tem d'ella o sentimento no coração.

Que melhor prova de que não são as idéas que regem o mundo, mas sim os sentimentos? Um individuo dotado d'uma educação distincta, chega, pelo habito alcoolico, a nivelar-se com a canalha. Muitas vezes deixa de ser inoffensivo, se o contrariam; a vontade dissipa-se e o individuo acaba por animalisar-se.

O degenerado moral deixar-se-hia facilmente conduzir ao crime, se elle fosse capaz de o commetter. E' um apathico, sem vontade, sem outras paixões que não sejam as do alcool. Em breve apparecem as allucinações, e, por ultimo, a demencia.

O alcoolico tem consciencia da sua apathia, da sua inerçia; falta-lhe a iniciativa e a energia moral. Executa, cega e machinalmente, o que se lhe ordena.

Muitos procuram, nos asylos, refugio contra a sua fraqueza. Estes desgraçados encontram-se nas fronteiras da loucura.

2.a **Fórma allucinatoria.** — N'esta serie, são as desordens materiaes, muitas vezes sob a fórma de delirio, que dão uma physionomia especial ao alcoolico.

Os primeiros symptomas observados pertencem á esphera da sensibilidade physica. Ha um entorpecimento de membros, formigueiros, picadas, sensações bizarras, como se um animal caminhasse sob a pelle.

Estes phenomenos apparecem principalmente ao deitar, em virtude da temperatura do leito, e debaixo de fortes emoções. A principio, são limitados ás mãos e aos pés; depois, sobem pouco a pouco até ao cotovello e ao joelho, d'onde, raras vezes, passam.

A's sensações de queimadura, de tensão e picadas dolorosas, que fazem arrancar gritos ao doente, segue-se a analgesia, mais ou menos espalhada, interessando de preferencia os membros inferiores.

As sensações thermicas ficam, a maior parte das vezes, normaes. Ha um mal-estar geral, uma inquietação. De manhã, ao levantar, o alcoolico é attingido de vertigens rotatorias; ás vezes, tudo se torna negro e elle chega mesmo a vacillar e a cair.

Moscas volantes passam-lhe deante dos olhos; os contornos dos objectos são indecisos, ora luminosos, ora amarellos ou opacos; zumbidos nos ouvidos, depois fraqueza na audição. Sobreveem, finalmente, as allucinações.

As perturbações motrices são intensas n'este periodo; é, ao levantar ou debaixo da influencia d'uma emoção, que ellas se accentuam. O tremor é mais intenso nas mãos; é um tremor vertical, rythmado.

Das mãos passa aos pés, aos labios e muitos musculos, dando lugar á titubença, á difficuldade na marcha, á hesitação da palavra; ha, menos vezes, sobresaltos tendinosos, espasmos, cainbras, etc.

O somno é difficil e penoso, atravessado de sonhos tristes e aterradores; depois, estes sonhos peníveis são substituídos por pesadellos horrosos, em que o doente vê precipicios, phantasmas, animaes apocalypicos, até que as verdadeiras allucinações se manifestam, primeiramente ao despertar, depois a cada instante.

Estas estranhas apparições aterram o doente, cuja sensibilidade moral já está mais ou menos comprometida. Ansioso, inquieto, não encontra abrigo, onde refugiar-se; suspira pela segurança e pela calma d'espírito que não pôde obter.

Entretanto, muitos individuos continuam as suas occupações ordinarias, procurando no alcool, algumas vezes, a coragem que elles sentem fugir-lhes; mas é então, que as fórmulas agudas surgem e o *delirium-tremens* se estabelece com todo o seu apparato.

O que distingue principalmente esta fórma de alcoolismo chronico, é a allucinação, que, por ser mais episodica, menos duradoura e mais isolada, se distingue da allucinação da loucura alcoolica. O doente apresenta um certo estado de serenidade.

A allucinação é, ás vezes, precedida de prodromos e acompanhada de ansiedade, terror, angustia precordial, zumbidos nos ouvidos e obscurecimentos de consciencia; em seguida ás allucinações, fica uma confusão intellectual grande, voltando com o tempo, algumas vezes, a recordação do passado.

Os allemães chamam a estas allucinações *raptus allucinatorio* e é durante ellas, que os crimes mais hediondos são commettidos, com uma rapidez e uma irresistibilidade d'acção, que revela bem a fórma delirante dos actos.

E' a lesão do sensorio, a allucinação, o ponto de partida do delirio, o qual, originando as emoções, que se precipitam na esphera da intelligencia, determinam ahí a desordem, manifestada nas concepções delirantes, que presidiram á pratica dos actos criminosos.

Na sequencia da nossa exposição entramos na terceira fórma d'alcoolismo chronico — a fórma de demencia.

3.a **Fórma de demencia.** — N'este caso são as perturbações intellectuaes que dominam. Ha um aspecto de imbecillidade, bem manifesto no *facies* do doente, que, alheio a tudo que o cerca, conserva o ar boçal d'uma intelligencia extincta, que caracteriza a ultima phase do cyclo morbido da vida d'um alcoolico — a de demencia.

Nos periodos que precedem, a intelligencia, se bem que com lacunas ou enfraquecida, ainda se não perdeu por completo.

N'esta fórma começa por perder a sua vivacidade, a sua espontaneidade, a sua energia, enfraquecendo-se d'um modo gradual até ao ponto de desaparecer absolutamente, constituindo-se então a demencia mais profunda, na qual muitos alcoolicos cahem, sem passar pelas phases que previamente descrevemos. Não ha, no seu inicio, nenhuma perturbação psychica, ou sensorial. Começa, desde logo, por perturbações do funcionamento intellectual. O raciocinio é pinguoso; a conversação cortada; as idéas e as palavras chegam lentamente; falta a energia para executar o mais simples acto; tudo assusta, tudo parece transcendente. Um passo mais e as perturbações são enormes.

Já não ha lesões de funcionamento, como diz Lenz, mas alterações na machina. O individuo é sem idéas; possui um real enfraquecimento. A sua conversação é caracteristica: começa uma palavra, que muitas vezes não consegue acabar, ficando com a bocca aberta para terminar a sua articulação; a memoria é fraca, negando-se a trazer-lhe a idéa.

A amnesia começa pelos factos passados ha muito tempo. E' uma amnesia incoherente, tendo periodos d'ausencia e estabelecendo-se para outros factos. As desordens progredem; a associação das idéas perde-se e a imaginação extingue-se. As idéas diminuem em numero e as poucas que restam, já não tem palavras que as exprimam; o doente balbucia. A physionomia é impassivel, o olhar sem vida, o aspecto desgostoso e a marcha arrastada.

O ebrio, quando attinge o periodo de demencia, é andrajoso, immundo, quasi não vivendo senão como os irrationaes. A immundicie e o desalinho da *toilette* é mais precoce nos dementes alcoolicos que nos dementes ordinarios. Conserva por longo praso o estupor e as tendencias instinctivas más, que distinguem particularmente esta especie de demencia, sendo os outros symptomas os da demencia ordinaria.

Emfim, tudo isto é interessante. Mas é longo, muito longo. Ha muito que dizer e nós queremos dizer tudo, por isso que persistimos na convicção inabalavel de que o maior mal d'este paiz é a ignorancia e a... estupidez.

Portanto, continuaremos no numero seguinte com as nossas considerações e com a analyse do magnifico trabalho do sr. Ramalho Fontes.

Homem Christo.



AVISO

N'este jornal analysam-se e publicam-se estudos criticos sobre todos os livros dos quaes nos forem enviados dois exemplares. Não se fazem referencias ás obras de que nos seja remetido um só exemplar.

# O Passado, o Presente e o Futuro de Portugal

## VI

Poinsard entra depois na segunda parte do seu livro, — pois é um verdadeiro livro, afinal, — que intitula *L'Agriculture et la vie rurale*. E ahí torna a dizer verdades como punhos.

A agricultura é, segundo elle, o maior recurso de Portugal. Da agricultura vive a immensa maioria da nação portugueza. Não obstante, está, como tudo o mais, atrazadissima. Alguma coisa se tem feito, pois o tempo não passa impunemente. Mas muito pouco, em relação ao que se podia e se devia fazer.

C'est l'agriculture qui fait vivre actuellement l'immense majorité de la population portugaise. On peut dire que les quatre cinquièmes de la nation, ou à peu près, doivent leurs moyens d'existence au travail agricole. Celui-ci a donc en Portugal une importance relative bien supérieure à celle de toutes les autres industries réunies. En effet, non seulement il assure la subsistance d'un grand nombre de familles, mais encore il fournit au commerce extérieur ses principaux éléments: vin, liège, fruits, bois et huile. Une première conséquence résulte de ce fait: si la culture n'est pas organisée d'une façon suffisante, le pays se trouvera nécessairement dans une position difficile et gênée par l'effet de l'insuffisance et de la pauvreté de la branche principale de sa production. En même temps, un autre fait capital s'impose immédiatement à l'esprit: puisque la prospérité d'un pays dépend tout naturellement de sa production, l'agriculture doit être en Portugal l'objet des efforts les plus énergiques et des soins les plus attentifs, afin de porter au maximum ses facultés productives, ses rendements et ses bénéfices. Autrefois, rien n'était fait en ce sens. La grande propriété absorbait presque complètement le sol, dont les parties les plus fertiles étaient seules cultivées par les moyens les plus primitifs. Le surplus restait livré au bétail, principalement au mouton. Les propriétaires faisaient rarement valoir eux-mêmes; ils avaient des métayers et des fermiers emphytéotes payant leurs loyers en nature; les patrons n'avaient ainsi d'autre souci que la vente des denrées et du produit des troupeaux. Les uns étaient de joyeux vivants, grands chasseurs, aimant le vin, la bonne chère et le reste. Les autres, gens d'Eglise, ne s'intéressaient pas davantage à l'exploitation rurale. Aussi la culture était-elle arriérée et misérable. Aujourd'hui, la situation est changée à certains égards. Le propriétaire est le plus souvent un citadin à peu près inconnu de ses fermiers. Celui qui, par exception, réside à la campagne, mène une vie plus respectable et plus occupée que celle de ses ancêtres. La révolution agraire du XIX siècle a multiplié dans une assez grande mesure le type du paysan-propiétaire. La population rurale s'est considérablement accrue; elle a défriché une partie des terres incultes; sa condition est certainement plus douce, meilleure que celle des campagnards qui vivaient au début du siècle passé. Néanmoins, l'état actuel de la classe agricole n'est ni normal ni prospère. Dans un métier normalement organisé, les ouvriers qui le pratiquent sont encadrés par une élite de gens capables, ayant assez de connaissances, de capitaux, de liberté d'action, pour diriger le travail dans un sens progressif. Sinon, les méthodes restent élémentaires, aussi bien que le matériel. La direction et les moyens manquent à la fois pour améliorer le sol, perfectionner et varier les cultures, enfin pour créer les débouchés sans lesquels la production devient inutile. Or, cette élite directrice manque précisément dans la plupart des provinces portugaises. La petite exploitation est, presque partout, maîtresse absolue de la terre. Ainsi le sol est généralement cultivé par de petites gens avec de faibles moyens et de pauvres méthodes. Si, dans ces conditions, l'agriculture était avancée et riche, ce serait une merveille. Mais le surnaturel n'est plus de notre temps, et nous verront bientôt par des exemples précis que, si les choses vont sensiblement mieux en Portugal qu'il y a cent ans, la situation est bien loin, cependant, d'atteindre la perfection.

Cela ne veut pas dire que la petite exploitation doit être condamnée en bloc et sans appel. Lorsqu'elle se trouve placée dans des conditions favorables, elle peut donner de bons résultats et former une classe de paysans solides et prospères. Mais, pour cela, il est nécessaire d'abord que les fermes ne soient pas réduites à des proportions par trop minimes. C'est la pulvérisation du sol en tenures microscopiques qui fait là misère de l'Irlande et la pauvreté du Portugal. Ensuite, il est indispensable que le cultivateur reçoive au moins les éléments d'instruction scolaire et technique, à défaut de l'exemple et de la direction du grand propriétaire. En Portugal, l'instruction primaire est très insuffisante, et l'enseignement agricole élémentaire est à peu près nul. Dans ce pays, où la grande culture est rare, on a fait passablement pour instruire la jeunesse riche, qui, du reste, en profite peu; mais le petit cultivateur, qui occupe la plus grande partie du sol, a été laissé à lui-même. L'institut agronomique de Lisbonne avec ses laboratoires et ses chaires théoriques, et l'École d'agriculture de Coimbra avec son splendide domaine, ses collections et son matériel, ne lui apprennent rien. Il lui fallait des fermes-écoles avec un enseignement bien simple, bien pratique, aussi court que possible, et placées dans les diverses régions. Les jeunes gens formés dans ces établissements deviendraient pour leur entourage de véritables moniteurs, qui répandraient au moins quelques notions utiles. Certaines personnes ont parfaitement compris la nécessité urgente d'éclairer les petites gens. C'est ainsi que M. le comte Sucena a conçu la généreuse pensée d'envoyer à ses frais quelques professeurs faire des conférences dans les villages de la Beira. Mais cela ne suffit point pour instruire sérieusement des paysans qui connaissent seulement la routine la plus élémentaire de leur métier. Rien ne saurait remplacer en cette matière un enseignement régulier, mis vraiment à la portée de l'intelligence et de la bourse de la classe rurale à laquelle il est destiné.

C'est donc le paysan ignorant et pauvre qui, en règle générale, cultive la terre portugaise. Il faut savoir maintenant ce que vaut cette terre au point de vue agricole.

Como se vê, Poinsard ainda aqui põe em relevo a nossa mania das fidalguias, o nosso desamor ao trabalho, o nosso pedantismo, a nossa formidável ignorância e a nossa formidável insensatez.

Ha cem annos os grandes proprietarios eram de *joyeux vivants aimant le vin, la bonne chère et le reste*. Mas o que não lhe disseram é que cem annos depois elles são precisamente a *mesma coisa*. Disseram-lhe só que habitavam as cidades, sendo inteiramente desconhecidos dos seus rendeiros. Mas não lhe disseram que continuam a *amar o vinho, os bons boccados e o resto*. Mas não lhe disseram que d'antes, ao menos, elles comiam e bebiam em Portugal e aqui faziam todas as outras suas pandegas. E agora vão largar o *baguinho* no estrangeiro. Ahí é que vão fazer as grandes pandegas. Ahí é que vão beber. Ahí é que vão comer. Ahí é que vão gosar. E ahí é que vão... *fazer o resto*. E para isso é que elles querem, e não para desenvolver a agricultura nacional, regimens odiosissimos como esse dos cereaes, do qual o actual ministro da fazenda diz que já havia melhor... na idade media!

Ah, meu caro senhor Poinsard, que todo o nosso progresso é illusorio! No fundo, não progredimos coisa nenhuma. Estamos peor do que estavamos.

Em Portugal ha, sem duvida, como houve em todos os tempos, grandes proprietarios. E quando digo grandes não quero dizer agora: *senhores de grandes dominios*. Quero dizer: bons administradores, economicos, sabedores, honestos e cultos. Mas o geral é uma cambada d'exploradores. O trigo rendia pouco? Faz-se render muito, e para isso arranja-se uma lei que, sob o ponto de vista da tyrannia e do privilegio, nunca teve equal no mundo. Para, ao menos, á sombra d'ella, se cultivarem todos os terrenos incultos e se melhorar a qualidade do trigo, verdadeiramente, á parte uma porção limitada, detestavel? Não! Para ir para Monte Carlo, Nice, Biarritz, Paris, gastar á larga!

O vinho rendeu bem em certos annos? Toca a plantar vinha, sem tom nem som, n'um intuito de ganancia espantosa. E agora? Agora o povo bebe-o até arrebrantar, o governo dá-lhe sahida, dá-lhe consumo, ou os grandes proprietarios desembarcam com um exercito de trabalhadores no Terreiro do Paço!

A instrucção primaria é insufficientissima? O ensino agricola elementar é quasi nullo? Mas em compensação o *Instituto Agricola de Lisboa* tem bellos laboratorios e bellas cadeiras *theoricas* e a *Escola d'Agricultura de Coimbra* tem um esplendido dominio, esplendidas colleccões, esplendido material, para a *mocidade rica que não aproveita quasi nada*.

Fidalgos, snobs e... parvos!

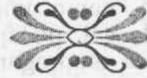
Até vir a Republica. Espere pela Republica, com R grande, sr. Poinsard, e, depois, volte cá. Verá como o Bernardino Machado, o Affonso Costa, o Ale-

xandre Braga, o Brito Camacho, o Antonio José d'Almeida, com esses magnificos auxiliares que se chamam o Margarido, o Carlos Trilho, o Derouet, o Trinta, o Maduro, o Termonocú, etc., todo o Portugal novo, o redemptor, a alma nacional que *crepita de enthusiasmo*, faz d'isto um El-Dorado.

No seu paiz, sr. Poinsard, faz-se tudo com intelligencia e trabalho. Aqui é com talismans, sr. Poinsard.

Volte cá... e verá.

Homem Christo.



## Tuberculose

No n.º 1374 do *Povo de Aveiro*, de 27 d'Agosto findo, pedia-me um leitor, assignando-se *Um entusiasta do Povo de Aveiro*, que vulgarisasse alguns conhecimentos de hygiene e defesa preventiva contra a tuberculose. E' a ignorancia, dizia elle, a maior parte das vezes, a causa de tanto se propagarem as doencas contagiosas.

Assim é, na verdade. Ignorancia immensa. Tamanha que chega a attingir os proprios medicos. Eu já conheci um medico, e não é a primeira vez que o conto, que chamava aos livros de medicina *livros pornographicos*. Como taes, não os lia. Os que tinha trazido da escola, — nunca conhecera outros, — accumulava-os no fundo d'um bahu.

Tão completos, não ha muitos. Mas são numerosos os que não leem uma revista ou uma publicação da especialidade. Ora havendo *todos os dias* coisas novas em medicina, e as affirmações d'um dia destruindo o que passava por um dogma no dia anterior, medico que não leia dia a dia o que se escreve sobre o assumpto, não está á altura da sua nobre e importantissima missão.

Por isto, e sendo certo que já hoje é um aphorismo em medicina que a cura depende menos do medico que do proprio doente, é utilissimo que toda a gente tenha conhecimentos geraes pelo menos sobre hygiene e sobre os meios preventivos contra as mais celebres doencas.

E' claro que não temos nenhuns conhecimentos scientificos que nos deem auctoridade para falar sobre o assumpto. Apanhamos um ou outro artigo, n'esta ou n'aquella revista, lemos, e, assim, não só ficamos com *alguma luz* sobre materias diferentes como temos facilidade, no momento opportuno, em recorrer a bons mestres ou bons expositores. E' a nossa vantagem. E d'ella, só d'ella, nos vem o podermos algumas vezes prestar serviços *como vulgarizador*.

No meio de muitos defeitos temos algumas qualidades. E entre as nossas qualidades avulta esta: sempre nos repugnou o roubo, o pedantismo e a charlatanice. Portanto, não só não fazemos *caixinha* dos conhecimentos que adquirimos, como somos fundamentalmente avesso ao plagiario. O que é nosso, é nosso. Mas o que é dos outros, é dos outros. Aberta e francamente indicamos aos leitores a origem dos nossos conhecimentos e a paternidade das nossas palavras quando as pedimos emprestadas seja a quem fôr.

Sobre tres prescripções fundamentaes tem assentado até hoje a hygiene dos tuberculosos: a super-alimentação, o repouso e o ar puro. Mas só a ultima, diz o dr. Félix Regnault n'um artigo interessante do ultimo numero de *La Revue*, tem persistido inabalavel no tratamento hygienico da tuberculose.

De facto, sem custo se comprehende que a super-alimentação só é compativel com um bom estomago, primeiro, e que, depois, ha de estar em harmonia com a qualidade dos temperamentos. Que importa comer muito se o *comer muito* fôr prejudicar a natureza ou se quem comer muito assimilar pouco?

E' facil, diz o dr. Félix Regnault, introduzir com uma sonda superabundancia de alimentos nutritivos no estomago; o difficil é fazel-os digerir e assimilar. "O mais das vezes, quem come contra vontade digere mal o alimento. Quem exigir muito do estomago, dos intestinos e do figado fatiga esses orgãos e lança-os n'um abysmo. Demais, os alimentos imperfeitamente digeridos fermentam no tubo digestivo, produzindo diarrhéas infecciosas e intoxicando os doentes. Longe de procurar sobrecarregar o doente com alimentos excessivos, sem ter em conta o appetite, convem vigiar-lhe as digestões e submette-lo a um severo regimen. Um grande numero de tuberculosos são dyspepticos, alguns, mesmo, tornam-se tuberculosos pela sua dyspepsia. Assim o dr. Ferrier (iniciador do tratamento da tuberculose pelos saes da cal, phosphatos e carbonatos) prohibe-lhe os acidos e todo o alimento que favoreça as fermentações acidas no estomago, como vinagre, linhão, saladaes e alimentos crus. Reduz-lhe a quantidade de gordura, porque a gordura afrouxa a digestão, e a ração de pão, porque o pão é muito fermentescivel. Emfim, prohibe-lhe o vinho, a cidra (sumo de cidra) o alcool sob todas as suas formas. Com effeito, quem tiver frequentado os hospitaes sabe que, na classe operaria, sete oitavos dos tuberculosos são alcoolicos. Como pittorescamente o professor Landousy o exprimiu, *o alcool faz a cama á tuberculose*."

O repouso absoluto tambem é muito contestado. O dr. Félix Regnault affirma que só é util aos tuberculosos febris. *O tuberculoso apyretico, pelo contrario, tem necessidade d'exercicio*.

"Recentemente, os jornaes de medicina gabavam os maravilhosos resultados obtidos no sanatorium de Trimley, na Inglaterra, onde os medicos submettem os tuberculosos a um trabalho physico intenso. Por um *treino* gradual chegam a percorrer dezeseis kilometros, depois de oitenta vezes por dia transportarem um cesto ás costas carregado até uma distancia de cincoenta metros sobre um terreno com a inclinação de quatro metros. A carga passa de 12 libras (arrateis) na primeira semana a 24 na terceira. Emfim, chegam a executar trabalhos de terraplenagem de difficuldade successivamente crescente, manejando o alvião durante seis horas por dia ou transportando dez toneladas de terra em carro de mão. Com esta nova hygiene diz-se que se chegaram a obter oitenta por cento de curas. A circulação, dizem os partidarios do methodo, accelera-se com o trabalho arrastando toxinas dos focos tuberculosos e realisando assim a auto immunisação."

De maneira que só o ar puro, uma das tres prescripções fundamentaes da hygiene dos tuberculosos, permanece inatacavel.

O dr. Félix Regnault combate no seu artigo a pharmacologia anti-tuberculosa, não só os especificos dos charlatães, mas até alguns pretendidos methodos scientificos, desde o gaiacol e o cacodilato de soda até ao sangue de cabra e aos innumeraveis serums vaccinadores e immunisantes. Defende, porém, como importantes auxiliares, diz, da cura da tuberculose, os saes de cal, phosphato e carbonato, que o dr. Ferrier foi o primeiro, parece, a empregar, ou aos quaes, pelo menos, deu a voga que hoje teem.

O tuberculoso *desmineralisa-se, descalcina-se*; elimina pelas urinas quantidades consideraveis de phosphatos de cal. Consequentemente, os dentes tornam-se friaveis e cariam-se; o esqueleto reduz-se a ponto do doente, quando toma um banho, sobrenadar, mergulhando a custo. Os anatomistas ha muito tempo que notam que os esqueletos dos tuberculosos são menos espessos, teem os ossos menos vascularizados, menos grossos e mais densos, em virtude da sua riqueza em silicatos e da sua pobreza em saes de cal, comparados com os esqueletos de individuos normaes. Para compensar essa desmineralisação, o tuberculoso deverá tomar todos os dias tres hostias da mistura seguinte:

Phosphato tribasico de cal.....	0,gr.,20
Carbonato de cal.....	0,gr.,50
Magnesia calcinada.....	0,gr.,05

Como os saes de cal só são assimilaveis em fraca quantidade, chegando mesmo certos physiologistas a pretender que não são assimilaveis, convem juntar-lhes a magnesia calcinada que permite a eliminacão da cal que o organismo não acceite.

E' d'este modo que o dr. Ferrier consegue, assevera o dr. Félix Regnault, ir em auxilio dos pobres, que se não pôdem dar o luxo do descanso e bom ar dos sanatorios.

"O rico pôde procura-lo (ao bom ar) nos sanatorios estabelecidos no campo e nos flancos das montanhas. O pobre não pôde deixar a cidade, onde respira um ar infectado das poeiras de toda a especie que lhe corroem os pulmões, fazem suppurar os seus tuberculos e augmentam as suas cavernas. Não tem quem o alimente. Se não trabalhar não come. E' l'he forçoso trabalhar. Repellem-no do hospital até ao dia em que, chegando ao periodo cachetico, não tendo deante de si, já, senão algumas semanas para viver, lhe concedem um leito onde possa morrer em paz.

Se interrogarmos estes tísicos, exgottados, chegados ao fim da sua carreira, veremos com espanto que o principio da sua doença remonta a dois, tres, por vezes oito, dez, e mesmo mais annos. Exerceram sempre o seu emprego, a sua profissão, muitas vezes vivendo em condições hygienicas deploraveis; dormindo em quartos pequenissimos, com o ar confinado, receando abrir as janellas, alimentando-se mal, bebendo muito alcool. Pois que não se pôdem dar rendas aos tuberculosos pobres, deixemo-los trabalhar. Pois que se não pôdem mandar para o campo, deixemo-los respirar o ar das cidades. Mas vigiemos a sua hygiene, insistamos sobre o seu regimen, obriguemo-los a não beber alcool de nenhuma fôrma, exijamos-lhe que durmam com a janella aberta e demos-lhe phosphato de cal para luctarem contra a desmineralisação. Um tratamento tão simples dar-lhes-ha, se for seguido com methodo e com tenacidade, melhoras inesperadas.

Ha oito annos que o dr. Ferrier se deu ao meritorio cuidado de vigiar a hygiene dos tuberculosos pobres sem lhes pedir o impossivel, isto é, que deixem de trabalhar, e tem obtido resultados que espantam os proprios medicos. Ainda ha poucos mezes um mestre, o sr. Letulle, insistia sobre elles na *Presse médicale*. E sem remedios especificos contra a tuberculose, que os não ha. Apenas com bom regimen, com boa hygiene, que constituem a parte capital do tratamento da tuberculose..

O dr. Félix Regnault faz notar que o maior estorvo á cura dos tuberculosos é o seu *optimismo*. O tuberculoso, para se curar, precisa de seguir á risca as prescripções do medico. Por mais que lhe pareçam minuciosas, desagradaveis, odiosas. O tuberculoso não pôde libertar-se, ou está perdido, d'um regimen severo. O que fôr rico tem que se abster de *soirées*, de bailes, de espectaculos. O que fôr pobre, o operario, tem que se abster da taberna e das reuniões publicas, n'uma palavra, tem que ser um cenobita.

Ora é isso o que elle não faz, nem o rico, nem o pobre. N'um momento dado, julga inuteis todos essas prescripções rigorosas. Tem uma psychologia especial, o desgraçado. A doença torna-o optimista. A quem o ouve, diz sempre que passa bem e que ganha, dia a dia, forças novas. Faz mil projectos para o futuro. Debalde o thermometro lhe marca febre. Debalde a balança lhe indica emmagrecimento. Debalde o medico o previne e o ameaça. Algumas horas depois, não se lembra de nada. Porque a tuberculose destroe os pulmões sem fazer soffrer, e a dôr é a unica advertencia que o homem escuta. Se, acrescenta o dr. Regnault, algum tuberculoso se queixa ou se arrasta, é porque tem alguma dyspepsia, algum ponto pleuretico, que, occasionando um soffrimento, altera o seu humor.

Isto tendo o medico o cuidado de prevenir, de chamar as attentões do doente, de dar o grito de alarme. Não prevenindo, como affirmava o correspondente do *Povo de Aveiro*, em 21 de Agosto, então é uma verdadeira desgraça.

"Sei de casos, dizia o nosso correspondente, em que tem havido quatro e mais casos de tuberculose na mesma familia, em pequeno espaço de tempo e devidos especialmente á falta de cuidado; creanças atacadas d'este terrivel mal por lhes terem dado sobejos de comidas de doentes, outras por terem usado fatos dos mesmos e inumeros casos que poderia citar, passados n'esta aldeia e especialmente na proxima villa de Torres Vedras (estou escrevendo da Ponte do Rol, aldeia proxima).

Os medicos tambem concorrem para esta ignorancia não prevenindo as familias e mesmo o proprio doente, das precauções a tomar..

Uma verdadeira desgraça!

De resto, é como diz o auctor do communicado. O portuguez é, n'isto como em tudo, muito bruto. Não é só ignorante. E' muito bruto. Vão-lhe lá dizer que faz mal dar carne ou vinho a uma creança de tenra idade! Ri-se alvarmente, ás gargalhadas. E assim como se ri d'essa recommendação, assim dá pouca importancia ás recommendações sobre o contagio da tuberculose. Entretanto, essa brutalidade, que aborrece o medico, não justifica de forma alguma o silencio d'este sobre as medidas hygienicas a tomar. Esse silencio, esse desleixo, esse abandono, é um verdadeiro crime profissional.

O portuguez é muito bruto e muito ignorante. Mas, ás vezes, muitas vezes, mesmo, tambem a miseria o inibe de se acautelar. O que ha de fazer uma familia de cinco, seis, oito ou dez pessoas, a um dos seus atacado pela tuberculose? Não o pode mandar para os sanatorios. Não lh'o acceitam nos hospitaes. Não tem meios para o isolar. Não tem roupas sufficientes, nem louças, para separar. A promiscuidade é fatal. Embrulham-se todos no mesmo gabão ou no mesmo chaile. Cobrem-se todos com os mesmos cobertores, com os mesmos farrapos. Comem todos da mesma gamella. Dormem todos de larada, accumulando-se n'um cubiculo sujo, estreito, sem ar. Ah, meu caro correspondente, a propaganda é muito boa para quem tem que comer! Ella ahi fica e continuar-se-ha. Mas o que a propaganda não destroe, o que não destruirá nunca é a grande miseria social.

Nós escrevemos para os ricos e para os remediados. Mas o gabão ou o chaile esfarrapado, gerador da tísica, mas o cubiculo que arrecada e conserva o microbio, nem com palavras, nem com peças de artilheria, nem com fogo de bala se destroe.

Esse subsiste. E de tudo se ri, implacavel.

Homem Christo.



## Problemas



Ora eis uma novidade interessantissima: as casas de cozinha central!

Não sabem o que é? Nunca ouviram falar n'isso? Sendo uma coisa complexa é, ao mesmo tempo, a coisa mais facil do mundo. Trata-se de supprimir as cozinheiras, em especial, e as creadas, em geral, o que é pôr termo, diga-se a verdade, a uma verdadeira inquisição.

Uff! que allivio! Se eu morro liberto d'estas *lobas* que me teem dado cabo da paciencia, digo-lhes que ainda levo saudades do mundo para o fundo da terra.

O primeiro da ideia foi um tal sr. Fick, professor em Copenhague. Bella idéa, sr. Fick. Como eu tenho pena do senhor e lamento os martyrios a que o sujeitaram as creadas! Mas vamos lá. Ha males que veem por bens. Sem esse martyrio o senhor dormiria muito mais e não teria então arranjado as casas de cozinha central. E eis como se descobre que até, em certos casos, são benemeritas... as insomnias.

Atraz do sr. Fick veio a senhora Charlotte Perkins-Stetsen, uma digna americana que fez uma propaganda pela penna e pela palavra como só a sabem fazer as creaturas d'aquelles paizes, onde não ha Teixeira de Souza, Margaridos nem Borrachos. E atraz da senhora Charlotte Perkins-Stetsen, a bella madama da Germania — não a conheço, mas só pelo servichinho merece que lhe chamem bella — Lili Braun. Lili, Lili! Do nome não gosto. Todas as Lilis e todas as Lulus que eu tenho conhecido são, salvo o devido respeito, *umas gatas assanhadas*. Mas esta deve fazer excepção... á regra geral.

A senhora Charlotte Perkins-Stetsen triumphou. Em varias cidades americanas existem já algumas casas com cozinha central. E a senhora Lili Braun vae triumphar, pois acaba de se constituir em Berlim uma sociedade com importantes capitaes para dar execução á idéa genial.

O principio é este. A cozinha individual ou por familias independentes representa uma grande despesa e uma grandissima estopada. A cozinha e todo o serviço familiar. Uma grande cidade como Londres, New-York, Chicago, Boston, Paris, Berlim, S. Petersburgo, comporta, com o systema actual, milhões de panellas, de caçarolas, de tachos, de fogões, de chaminés, do diabo a quatro. E' um formigueiro humano só a debulhar batatas, a fazer massas, a assar perus, a passar a ferro, a remendar, a varrer, com as mil coisas do *ménage*.

Uma dona de casa vê-se parva para attender a tanta coisa e não pode ter competencia para tudo. N'algumas coisas ha de ser, forçosamente, por melhor que seja a sua educação, uma *dilettanti*. Alem d'isso perde um tempo precioso, que poderia, com mais utilidade, empregar n'outros trabalhos. Não pode mesmo, sendo pobre, deixar de recorrer a esses trabalhos. Como remediar, então, isso? Eis o caso.

Remedeia-se com a construcção de grandes edificios, em que os moradores tenham casas absolutamente independentes, como hoje os que moram em andares differentes, ou á direita e á esquerda em cada andar, mas com uma cozinha commum. Isto tem a mesma vantagem do restaurante, sem nenhum dos seus inconvenientes.

Em primeiro logar, é mais barato do que o restaurante, porque o restaurante, não tendo numero certo de commensaes, não pode fazer, diariamente, *compras exactas*. Em segundo logar, não ha o spectaculo dos visinhos. Cada familia come em sua casa, com todo o isolamento e todo o recato do lar.

Mas é forçoso interromper aqui a conversa, que promettia ser interessante. Gritam-me da typographia: Já não ha espaço. *Ultima ratio*...

Concluiremos no numero immediato.

Homem Christo.